

Da subversão ao abandono da linguagem em tiras contemporâneas

Alberto Pessoa
Henrique Magalhães

Resumo: Assim como a História em Quadrinhos em geral, desde sua origem as tiras, surgidas nos jornais diários dos Estados Unidos da América na primeira década do século 20, tiveram no humor sua expressão maior, ajudando a popularizar esse meio de comunicação e a atrair uma legião de leitores para seu desfrute. A linguagem da tira, baseada predominantemente na imagem e na síntese do texto, contribuiu para o acesso aos jornais por um público que se encontrava fora dos círculos de letrados. Outros gêneros narrativos também tiveram as tiras como suporte, mas foi com o humor que elas se consolidaram e conquistam ainda hoje uma legião de leitores. Com o artigo “Da subversão ao abandono da linguagem em tiras contemporâneas” problematizamos a nova produção de tiras veiculadas no jornal Folha de S. Paulo, que motivou estudo e classificação de “tiras livres” pelo pesquisador Paulo Ramos. Por meio de reflexões sobre gênero narrativo e humor a partir de Bakhtin, Paulo Ramos e Marcos Nicolau, investiga-se os limites das experimentações nas tiras e a propriedade da nova classificação que tem por base a obra da cartunista Laerte e fazemos

Alberto Ricardo Pessoa é Doutor e Professor do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

Henrique Paiva de Magalhães é Doutor e Professor do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

simulações de outras artes gráficas inserindo-as no espaço de tiras do jornal *Folha de S. Paulo*.

Palavras-chave: tira; história em quadrinhos; humor.

From subversion to abandonment of language in contemporary strips

Abstract: Humor is at the origin of Comics, being the strip its format par excellence. Other narrative genres also had the strips as support, but it was with humor that they consolidated and still conquer a legion of readers. The article discusses the new production of strips published in the *Folha de S. Paulo* newspaper, which led to the study and classification of “free strips” by the researcher Paulo Ramos. Through reflections on narrative genre and humor from Bakhtin, Paulo Ramos and Marcos Nicolau, we investigate the limits of experimentation on the strips and the property of the new classification.

Keywords: strip; comics; humor.

Na origem, o humor

Assim como a História em Quadrinhos em geral, desde sua origem as tiras, surgidas nos jornais diários estadunidenses na primeira década do século 20, teve no humor sua expressão maior, ajudando a popularizar esse meio de comunicação e a atrair uma legião de leitores para seu desfrute. A linguagem da tira, baseada predominantemente na imagem e na síntese do texto, contribuiu para o acesso aos jornais por um público que se encontrava fora dos círculos de letrados.

Na obra *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras* Magalhães (2006) procura situar o humor como uma das funções mais contundentes nos processos de comunicação. No humor o discurso necessita imperativamente da participação do leitor. Só é possível estabelecer-se quando há cumplicidade entre emissor e receptor, quando há um código comum, em geral não escrito, mas consensual, que leva à catarse e complementaridade, promovendo o diálogo.

Segundo Román Gubern (1979), as primeiras produções dos quadrinhos podem ser agrupadas em quatro gêneros essenciais: *kid strips*, que tratam do universo infantil; *animal strips*, em torno do reino animal; *girls strips*, sobre garotas; e *family strips*, abordando o universo familiar. A diversidade de temas, contudo, está calcada sobre o gênero *humor*, que permeia toda essa produção.

Marcos Nicolau, citando Pinheiro (2002) afirma que o conceito bakhtiniano de gênero pode ser visto como um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais, é mediada pela linguagem. Nesse caso, segundo Nicolau (2007, p. 18), gênero relaciona-se a constantes inscritas em textos que representam um dado evento comunicativo, a exemplo do texto publicitário, programa de entrevistas na televisão, reportagem jornalística ou editorial em periódicos diversos.

A tira, para Marcos Nicolau (2007, p. 23), é “um texto midiático com formato próprio que representa práticas socioculturais dentro de outra prática sociocultural institucionalizada como a imprensa, envolvendo produtores e receptores de mensagens”, donde o autor conclui que a tira trata-se de um gênero textual.

Ainda segundo Nicolau (2007, p. 24), “foi nas páginas dos jornais que ela se consolidou como uma categoria estética de expressão e opinião sobre o cotidiano...”. Reafirmamos nosso pensamento de que com economia de espaço e tempo, o humorista gráfico consegue captar a atenção do leitor muitas vezes a partir de uma proposta mordaz, irônica e com pluralidade de sentido (MAGALHÃES, 1996, p. 144).

Em sua origem, as tiras podiam variar entre humor e aventura. Como afirma Paulo Ramos (2014, p. 51), “com o passar dos anos e o surgimento de outros personagens e séries, começou a haver um assentamento do modo de produção desses quadrinhos, consolidando-os como gêneros autônomos, as tiras cômicas, as seriadas, as cômicas seriadas.

Não há dúvida que esse caráter crítico em tom humorístico tem marcado a produção de tiras de sua origem à atualidade. Paulo Ramos (2014, p. 40) realça que “as tiras cômicas são as mais comuns de serem vistas e são as que predominam nos cadernos de cultura dos jornais brasileiros e nas páginas autorais das mídias virtuais. Por isso, costumam ser vistas como sinônimas de tiras – tirinha também é termo equivalente”.

Por outro lado, Marcos Nicolau (2007, p. 25) problematiza a questão temática das tiras afirmando que, “apesar da função inicial das tirinhas ter sido fazer rir, e que permanece até hoje, de acordo com Marny (1970), as tirinhas americanas não tiveram medo de adentrar em todos os campos, tais como a metafísica, a sátira social e política, a psicanálise, atraindo a leitura, inclusive dos intelectuais”.

Uma obra em mutação

Laerte Coutinho é uma autora de histórias em quadrinhos reconhecida por público e crítica, sobretudo por seu trabalho nas tiras humorísticas publicadas diariamente nos jornais do país. Oriunda dos quadrinhos *udigrudi*, Laerte conseguiu realizar uma produção prolífica e que passa por um processo constante de subversão da linguagem das histórias em quadrinhos.

Desde os primeiros trabalhos na revista alternativa *Balão*, na década de 1970, passando pelo período da revista *Chiclete com Banana*, em meados dos anos 1980, Laerte experimentou diversos recursos técnicos nas histórias em quadrinhos para oferecer uma experiência de leitura diferente para aquele que estava habituado com a estrutura dos *comics* ou ainda dos mangás. Mesmo ao criar tiras, Laerte consegue propor novas soluções gráficas e textuais para o leitor.

Sua produção atual, mais centrada nas tiras, chegou ao extremo da subversão atingindo o abandono da linguagem humorística comum ao gênero. Habitualmente os jornais publicam tiras com histórias curtas e fechadas, semelhantes em seu caráter ao cartum ou à charge, mas com estrutura sequencial dos quadrinhos. Apesar da ruptura proposta por Laerte, sua criação se mantém no espaço reservado às tiras, de certo modo quebrando a expectativa dos leitores.

Vale constatar que o trabalho de Laerte gerou inquietação não só nos leitores, mas também em vários quadrinistas, influenciando a produção de outras obras contemporâneas. Angeli e Caco Galhardo, companheiros do autor na *Folha de S. Paulo*, resolveram também

publicar trabalhos que possuem toda a estrutura física das tiras, mas que do ponto de vista da linguagem também subvertem o que se convencionou chamar de tira humorística.

Ainda que destoando do trabalho de outros autores, que continuam publicando tiras humorísticas, o jornal *Folha de S. Paulo* apoia e mantém a postura criativa dos quadrinistas publicando no espaço destinado às tiras autores que estão realizando experimentações conceituais no formato.

Não visamos avaliar a qualidade ou validade do trabalho que esses autores estão produzindo atualmente. A questão norteadora do artigo é se a produção contemporânea de Laerte é uma tira e se consegue estabelecer sua função comunicativa, mesmo legitimada pelo espaço em que é publicada e reconhecida por pesquisadores como um gênero dentro das tiras. O diálogo crítico é importante, pois há pesquisadores que consideram que esse tipo de trabalho abre um novo campo de atuação para as tiras além do humorístico e o da aventura, este praticamente abandonado. Paulo Ramos (2014), em obra lançada pela Marca de Fantasia, denomina essa produção como “tiras livres”, legitimando um novo gênero para a tira:

São produções de temática livre, não humorística, com pensatas ou crônicas construídas no limitado espaço da tira... O novo modo de produção ganhou destaque a partir de 2005 com “Piratas do Tietê”, de Laerte, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*. A série, poucos anos depois, influenciou outros autores a trilharem o caminho da experimentação gráfica, temática estrutural, tal como ele (RAMOS, 2014, p. 52).

As questões que Laerte levanta incomodam, pois tiram o papel do autor de tiras diárias do seu espaço de conforto. Mesmo artistas considerados transgressores como Angeli ou Liniers discutem a comunicação inserida nas tiras, mas dentro de um limite razoável do que se entende por tiras, seus materiais e convenções linguísticas e comunicacionais. Nesse ponto Laerte subverte a questão e a leva para o campo de debate da maneira mais radical possível, sob o ponto de vista de um comunicador que deseja se expressar dentro de um espaço que outrora era utilizado para criar quadrinhos em tiras, mas que hoje é um espaço de discurso estético livre que reflete o cotidiano e imaginário do autor.

Ao estabelecer-se o conceito de “tiras livres”, estamos admitindo que qualquer forma de comunicação dentro de um espaço delimitado e publicado numa área reservada é considerada tira. A postura de Laerte o aproxima da linha de criação da arte conceitual de Duchamp, da qual a artéria do movimento consiste na intenção do artista em sobreposição às regras de linguagem e comunicação. É importante frisar que as tiras publicadas por Laerte não possuem o caráter artístico e seu veículo de publicação é sobretudo um meio de comunicação, o que reflete no cotidiano e imaginário de seu leitor.

Acreditamos que a linguagem das tiras possui uma estrutura consolidada no caráter humorístico, com narrativa breve e concisa, causando um efeito de estupefação ao propor o contraditório. Constitui-se em uma introdução ou apresentação de um problema ou questão, seguida por um diálogo intermediário e preparatório para a conclusão; esta gera a surpresa ou o paradoxo pela quebra da expectativa no leitor.

Paulo Ramos (2009, p. 364) reforça que “a temática atrelada ao humor é uma das principais características do gênero tira cômica. Mas há outras: trata-se de um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final.

Essa estrutura narrativa, que caracteriza tão bem a tira, comumente é associada ao humor, mas assemelha-se também à poesia pelo jogo linguístico que propõe. A tira não pode ou não deve narrar o óbvio ou o discurso linear, pois que se transformaria em mero pensamento ilustrado ou representação imagética meramente figurativa. É na subversão ao texto em seu sentido lógico em complemento com a imagem que ganha força a tira como linguagem, constituindo-se enquanto gênero.

Ao renunciar à linguagem estabelecida, aproximando-se do cartum ou da ilustração, a classificação “tira livre” pode incorrer em um equívoco, uma vez que a tira se trata de um meio de comunicação dotado de uma estrutura que pode ser subvertida, mas não abandonada.

Abaixo apresentamos a construção de uma tira de história em quadrinhos tomando o trabalho de Laerte como exemplo. A tira é o formato mais sintético de história em quadrinhos, o que implica em uma narrativa subjacente. No caso específico dessa tira, a história foi formada por quatro quadros. Numa tira, toda sintaxe visual das histórias em quadrinhos pode ser observada: linguagem não verbal e verbal interligadas pelo conectivo balão.



281



281



Fig. 1. Tira publicada no espaço reservado pela *Folha de S. Paulo*

Assim, quando o layout segue a divisão canônica entre tiras devidamente apartadas, a leitura das histórias em quadrinhos segue um ritmo natural, uma respiração suscitada por seu dispositivo discreto de enunciação, escalonado e tabular. Seguindo na comparação com âmbito musical, pode-se dizer que a tira é uma medida - mas

uma medida irregular, já que a duração dos quadros não é constante (GROENSTEEN, 2015, p. 69).

Nas séries produzidas por Laerte, a seguir, ao realizarmos uma análise técnica do que seja uma tira de histórias em quadrinhos, observamos o abandono da linguagem e seus elementos.

Série Mapas

Utilizando a linguagem da cartografia e da ilustração, Laerte realiza a série “mapas” e é publicado como uma tira, mas trata-se de uma linguagem que não apresenta células de divisão (embora estas não sejam obrigatórias nas tiras), sequências ou elementos que fazem parte da linguagem das histórias em quadrinhos.

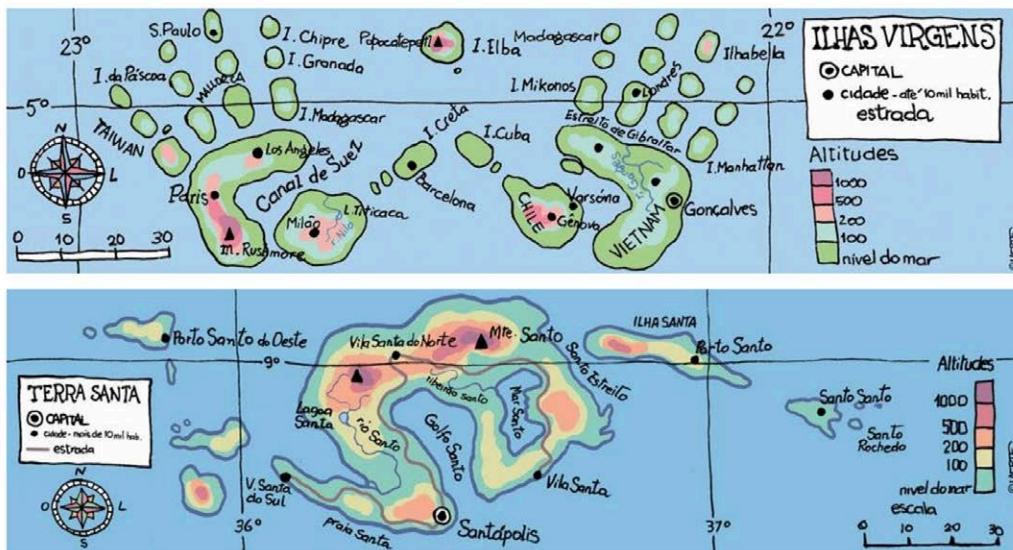


Fig. 2. Série “mapas” de Laerte, publicada pela *Folha de S. Paulo*

Quando o layout é irregular, essa respiração é prejudicada, torna-se anárquica ou, quem sabe, desaparece por completo como fenômeno de condução de leitura (GROENSTEEN, 2015, p.69).

Série Sapatos

A série “sapatos” apresenta traços característicos da ilustração e da subversão do próprio trabalho.

FRA MARIZA

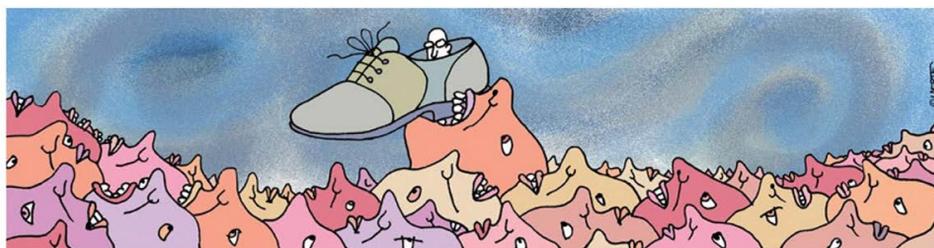


Fig. 3. Série “sapatos”: ilustração ou tira?

No quadro abaixo, Laerte usa do recurso do vandalismo conceitual, ilustrando sobre uma tira antiga do autor. Este recurso é bastante semelhante ao que Marcel Duchamp realizou com a obra de Leonardo da Vinci, ao introduzir um bigode em *Monalisa*, com o diferencial que é o próprio artista que realiza a intervenção.



Fig. 4. Série “sapatos” de Laerte, publicada pela *Folha de S. Paulo*



Fig. 5. Intervenção de Marcel Duchamp na obra de Leonardo da Vinci

Para entendermos a concepção de Laerte optamos por nos afastar do viés da comunicação e nos aproximamos do escopo teórico das artes, em especial artistas que assim como Laerte subverteram a linguagem artística da qual iniciaram seus trabalhos a ponto de realizar o abandono estético e comunicacional e assim pontuando novas relações no imaginário do receptor desse trabalho.

Marcel Duchamp é o exemplo mais emblemático que podemos alinhar com Laerte. Assim como o quadrinista, o artista trabalhou inicialmente a sua poética visual com técnicas e linguagens tradicionais e com o tempo foi se desvencilhando do compromisso comunicacional de sua obra. Para Cabanne (2008, p. 10), “através de seus atos de criador, Marcel Duchamp não pretendia impor uma linguagem nova, mas propor uma atitude de espírito”.

Laerte passa a agregar em seus trabalhos técnicas de desconstrução da linguagem, que passa a se assemelhar mais ao *ready made* de Duchamp que propriamente tiras.

Série Calcaneossauro

No terceiro exemplo das séries de tiras, citamos a série “calcaneossauro”, que mais uma vez tem como característica o abandono das bases da linguagem das histórias em quadrinhos, se aproximando da linguagem conceitual e interpretações abstratas, o que proporciona ao leitor daquela tira uma relação imaginária distinta do cotidiano de leitura diária do jornal.



Fig. 6. Série “calcaneossauro” de Laerte, publicada pela *Folha de S. Paulo*

Ao considerar essas tiras como gênero de “tira livre”, corremos o risco de aceitar qualquer manifestação artística como tira e desconsiderar o papel comunicacional que essa linguagem possui e se propõe ao ser publicada em meio de comunicação.

O fato desse processo de criação partir dos próprios autores que por anos publicaram tiras dentro dos parâmetros da linguagem propicia abertura de novas possibilidades artísticas às tiras, mas ao realizarmos uma simulação com outros artistas que não são autores de histórias em quadrinhos, mas que usam em suas criações elementos dessa linguagem gráfica, não consideramos o mesmo como “tira livre”.

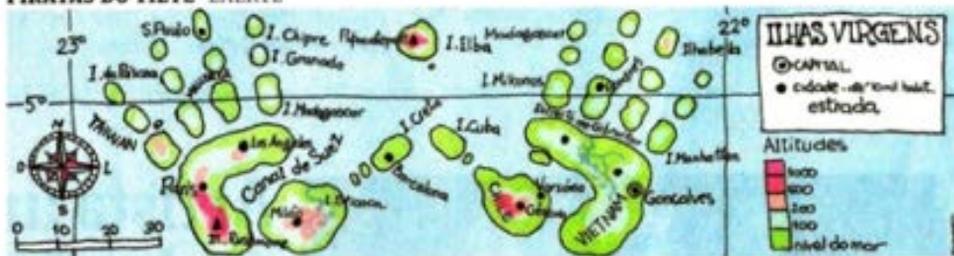
Apresentação das tiras em quadrinhos no jornal *Folha de S. Paulo*

QUADRINHOS

CHICLETE COM BANANA ANGELI



PIRATAS DO TIETÊ LAERTE

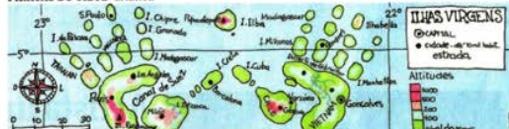


QUADRINHOS

CHICLETE COM BANANA ANGELI



PIRATAS DO TIETÊ LAERTE



MAQUILIKI CACU GALHARDO



NIQUEL NÁUSEA FERNANDO GONSALES



MUNDO MONSTRO ADÃO ITURRUGARAI



BIFALADA, A CIDADE MALDITA ALLAN SIEBER



MALVADOS ANDRÉ DAHMER



GARFIELD JIM DAVIS



Fig. 7. As tiras publicadas no espaço reservado pela *Folha de S. Paulo*

Neste exemplo temos a série de tiras publicada regularmente no espaço do caderno *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*. Tanto Laerte como Angeli e Caco Galhardo apresentam propostas formalmente semelhantes ao tipo de criação destinado ao espaço.

Angeli apresenta uma série de esboços, enquanto Laerte apresenta uma cartografia e por fim Caco Galhardo mostra um cartum, piada atemporal sobre determinado tema.



Fig. 8. *Chiclete com Banana*, Angeli. *Folha de S. Paulo*

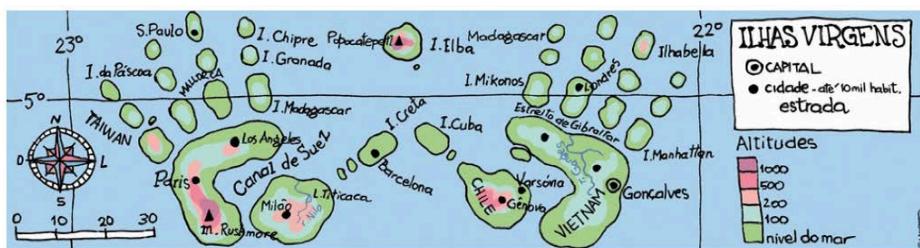


Fig. 9. *Piratas do Tietê*, Laerte. *Folha de S. Paulo*



Fig. 10. *Daikiri*, Caco Galhardo. *Folha de S. Paulo*

Na primeira simulação, realizamos uma substituição da tira de Angeli por uma ilustração do artista plástico Romero Britto.

Simulação 1

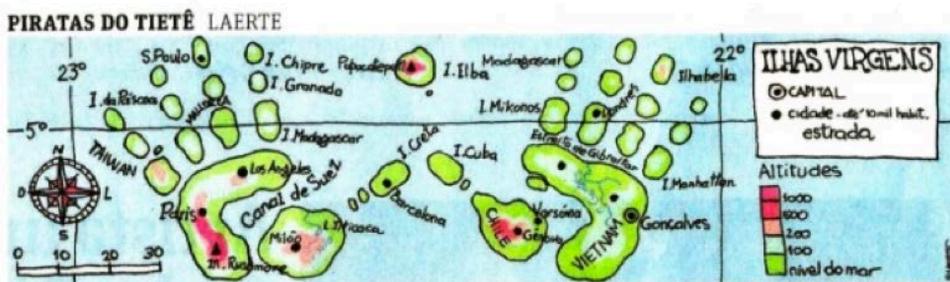


Fig. 11. Inserção do trabalho de Romero Britto ocupando o espaço reservado às tiras

Identificamos Romero Britto como um intruso dentro deste espaço. A impressão que passa é que aquele trabalho pode ser denominado como qualquer coisa, menos tira. Entretanto, dentro da con-

cepção artística de Angeli, Laerte e Caco Galhardo, a ilustração de Romero Britto se sustenta como uma tira, uma vez que a mesma não difere tecnicamente do trabalho dos três.

Simulação 2



Fig. 12. Inserção do trabalho de Roy Lichtenstein ocupando o espaço reservado às tiras

Na segunda simulação usamos o trabalho do artista pop Roy Lichtenstein; ao aproximá-lo do trabalho como o de Laerte, o conceito de “tira livre” fica ainda mais equivocado, uma vez que Roy, apesar

de utilizar elementos da linguagem das histórias em quadrinhos, não produziu o trabalho com esse intuito, mas o de debater as culturas de massa através de suas obras.

Laerte se aproxima de Duchamp novamente não apenas na concepção das tiras alinhadas ao *ready made*, mas em transformar o meio numa forma de performance artística, ou *happening*. A tira colaborativa o beijo em Laerte consiste em um quadro do qual Laerte se retrata dando um beijo e oferece o espaço do quadrinho para outro artista se retratar, dando um beijo no autor.

A ação ganhou respaldo de diversos artistas e apesar de não ter uma história ou uma sequência narrativa, esse *happening* foi publicado como tira pela Folha de S. Paulo e em redes sociais. Acreditamos que o processo de criação de Laerte dialoga com o que Cabanne (2008, p. 11) afirma sobre Duchamp.

(...) A partir dele, abre-se a revisão, absoluta e necessária, não só de conteúdo e significação do objeto, mas também do comportamento do criador a seu respeito; é o que compreenderam hoje aqueles que são chamados de neo-realistas *objecteurs*.



Fig. 13. Beijaço de Laerte e outros autores

A concepção da produção da tira diária em Laerte assume outra dimensão imaginária no trabalho do artista, que se estende ao seu processo de transformação pessoal, assim como aconteceu com Duchamp, entretanto, diferente do artista conceitual, Laerte não abandonou a linguagem que o consagrou.

Entendemos assim que Laerte é um artista em trânsito com suas propostas artísticas, mas não um autor de um novo gênero. Sua ressonância enquanto autor se deve mais ao lastro de criação que realizou nas tiras ao longo dos anos que propriamente a sua produção atual, o que entendemos ser prematura a ideia que as tiras de Laerte sejam consideradas um gênero ou como Paulo Ramos denomina, “tiras livres”.

Em outras palavras

Não é exatamente o formato ou o espaço reservado no jornal que qualifica uma tira. Há muito tempo as tiras de aventuras ou de super-heróis não são publicadas no país, o que gerou certo entendimento quase consensual entre artistas, críticos e autores que a tira tem caráter indissociavelmente humorístico. A tradição brasileira que remonta aos anos 1970 de tiras críticas assemelhadas à charge e ao cartum reforça esse conceito de tira como expressão própria do humor.

As simulações apresentadas demonstram bem como a utilização do formato da tira por outras expressões artísticas, como esboços gráficos, pop art ou até desenhos aleatórios podem bem mais se enquadrar no campo da ilustração que da narrativa gráfica, substancial aos quadrinhos. Talvez fosse o caso de se atribuir nova denominação para esse tipo de expressão, ou algo híbrido como o fez Edgar Franco ao criar o neologismo “HQtrônicas”, para cunhar as História em Quadrinhos eletrônicas, assim como “HQforismo”, simbiose de quadrinhos com aforismo.

As ditas “tiras livres” ao descolar-se do formato e do local de veiculação certamente não se constituem em nenhuma nova expressão artística, inserindo-se apenas no campo da ilustração. Isso, contudo, não é um demérito a seus criadores, em geral quadrinistas reconhecidos, que por meio de sua obra nos mostra o amadurecimento artístico fruto de uma longa carreira na imprensa e nas artes gráficas.

Referências

- CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: Engenheiro do Tempo Perdido*. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.
- MAGALHÃES, Henrique. *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*. Série Quiosque, 16. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- MAGALHÃES, Henrique. *O bom humor das tiras brasileiras*. In Revista *Conceitos*, v. 1, n. 1. João Pessoa: ADUFPB, agosto de 2006.
- MARNY, Jacques. *Sociologia das histórias aos quadrinhos*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1970.
- NICOLAU, Marcos. *Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico*. Série Quiosque, 19. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.
- PINHEIRO, Najara Ferrari. *A noção de gênero para a análise de textos midiáticos*. In: José Luiz Meurer; Désirée Motta-Roth (org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 259-290.
- RAMOS, Paulo. *História em quadrinhos: gênero ou hipergênero?* In *Estudos Linguísticos*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, Umesp. http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf
- RAMOS, Paulo. *Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos*. Série Quiosque, 32. Paraíba: Marca de Fantasia, 2014.